



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## NOTAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE CAMPO NO CANDOMBLÉ DE PRAIA GRANDE, ILHA DE MARÉ, EM SALVADOR (BA)

Marcos Rodrigues  
Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia  
[jmbr@bol.com.br](mailto:jmbr@bol.com.br)

Neste texto me disponho a relatar os primeiros momentos vividos no trabalho de campo sobre o candomblé de Praia Grande, na Ilha de Maré, em Salvador. A experiência faz parte de uma pesquisa para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Também, aqui vão questionamentos e reflexões iniciais que ficavam apenas no plano da observação e acabaram se desdobrando para o plano da pesquisa. A tentativa de analisar e entender a sua trajetória numa dimensão de exclusão e resistência para manter suas práticas já era uma preocupação anterior, desde os primeiros momentos em que passei a freqüentar os espaços sagrados locais.

A participação num projeto social de reparação escolar, em 2005, criado pela Associação Maresia de Pesquisa e Cidadania<sup>1</sup>, me aproximou mais da comunidade de Praia Grande, local que já freqüentava por alguns anos. Ao descobrir que se tratava da população negra da ilha, passei a observar mais em busca de algum movimento cultural ou social. Os próprios alunos do projeto costumavam dizer que a ilha não tinha nenhum potencial, nada de atrativo que pudesse oferecer perspectiva de uma vida melhor para as pessoas. Percebi que muitos dos jovens adolescentes eram descendentes de alguma liderança religiosa ou parentes de alguém ligado ao candomblé. Porém já sem nenhum envolvimento. Com o tempo, através de algumas pessoas, foi ficando mais fácil saber quando haveria alguma festa em terreiro de candomblé.

---

<sup>1</sup> A idéia era criar um centro de estudos e leitura para a população jovem local, após a conclusão do ensino médio, uma vez que alguns ficam por ali mesmo no sonho de ir para a universidade. Por uma questão estrutural, foi pensado e criado um curso de reforço escolar ou de acesso ao vestibular com um grupo que estava no terceiro ano. Uma equipe de professores se revezava nos dias de sábado à tarde. A mim coube a tarefa de trabalhar língua portuguesa e cidadania durante o segundo semestre de 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Diante de um terreiro de candomblé, a expectativa que paira é sempre do segredo e do poder mágico inerente. Muitas vezes, não se sabe nem por onde se deve entrar ou por onde começar a conhecer esse universo religioso, mesmo em se tratando de casas simples sem elementos que chamem a atenção. Por isso, notadamente, os inúmeros pesquisadores, em suas impressões etnográficas, deixam sempre a sensação de algo mais a ser descoberto. Logo, o conhecimento não mostra sinais de esgotamento, conforme pode ser percebido nos vários relatos de viagem <sup>2</sup>.

A idéia de pesquisar o candomblé na Ilha de Maré ganhou forma na medida em que fui percebendo a inexistência de algum estudo a respeito. Também, parte da comunidade consultada nos terreiros se dispunha a colaborar com um trabalho nesse sentido. Foi a partir dessa constatação que se delineou a possibilidade de trabalhar com o tema. A cada visita, discretamente, o olho observador percebia as características de cada espaço. Tomei notas avulsas sem me preocupar com uma sistematização, mesmo porque ainda não tinha noção da importância do caderno de campo.

Comecei a conhecer os terreiros apenas em momento de festa. Com a permissão para fotografar, certamente ali estava o início da preparação do campo para uma pesquisa mesmo sem rigor científico. De alguma forma já era uma prévia para me familiarizar na comunidade. Era preciso identificar lideranças ou portadores de informações importantes e ganhar credibilidade. De acordo com Evans-Pritchard (1978; 300), “o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolheu estudar: a organização, os valores e sentimentos do povo, e assim por diante”.

Ainda sem uma proposta de pesquisa definida, ia me habituando ao ambiente comunitário e comecei também a registrar imagens nos terreiros. Três momentos foram marcantes: uma cerimônia do Presente do terreiro de Sosó realizada num final da madrugada (2002), a premiação simbólica a dona Joana como Mestre Popular da Cultura (2006) e uma festa de Oxossi na casa de Baia (2007). Com essas imagens arquivadas, pensei em várias formas de dar início a um projeto de estudo.

---

<sup>2</sup> Antropólogos ou não, são muitos os escritores que registraram suas impressões sobre locais visitados. Darcy Ribeiro, Odorico Tavares, Loyola Brandão são bons exemplos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Ainda como aluno especial e representante da Universidade Federal da Bahia, tomei a responsabilidade de entregar a cada casa o livro do Mapeamento dos Terreiros de Salvador (2008)<sup>3</sup>, publicado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (Ceao) que inclui os espaços da Ilha de Maré. Já estava munido de algo mais para sustentar uma conversa como forma também de romper com a timidez. Era um momento chave para voltar a conversar e manter viva a proposta do trabalho.

Ao entregar o livro em cada casa expliquei que cada uma estava ali com os dados fornecidos à pesquisa. A distribuição do material era a resposta da instituição para eles. Na oportunidade, informei que tinha de um projeto na universidade sobre o candomblé na ilha, que gostaria de pesquisar a história da casa e para isso estava pedindo o consentimento. Feita a proposta, todos por sua vez aprovaram e me deram sinal verde. Os contatos estavam mantidos e renovados. A unanimidade de certo modo surpreendeu e motivou a elaboração da pesquisa.

Procurei mostrar aos interlocutores a importância de registrar a memória de suas experiências de vida como grande contribuição histórica. Ao mesmo tempo, como observador participante, falei de minhas experiências com estudos familiares para mostrar que não havia má fé na realização da pesquisa, por se tratar de um trabalho acadêmico. Deixei claro que, de algum modo, possuía a mesma origem histórica que eles. Também assegurei a devolução do trabalho depois de concluído. Assim, foi possível obter o consentimento à sua realização.

Naturalmente, todo estudo surge da relação de acolhimento estabelecida entre a liderança da casa e o observador. Nos terreiros de Praia Grande, sempre tive boa receptividade. Desde os primeiros momentos, apesar de ser o outro, o estranho, não obtive resposta negativa na busca de informações. Os personagens mais envolvidos diretamente demonstraram simpatia pelo trabalho sem nenhum tipo de restrição.

---

<sup>3</sup> Projeto realizado em parceria com a Prefeitura de Salvador, coordenado pelo professor Jocélio Teles do Santos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O campo parece ser o centro gerador de qualquer atividade etnográfica, sem uma formalidade concreta, mas com uma aproximação relativa, gradual, providenciada junto à comunidade. Com base em relatos de experiências feitos por Darcy Ribeiro (1996), Evans-Pritchard (1978), entre outros, procurei estabelecer uma linha de contato com o máximo de familiaridade. Várias vezes me peguei na reflexão sobre o *estar lá e o estar aqui*, na discussão de Geertz (1998), e como seria a minha postura em campo.

Pensei também na bagagem do jornalismo, em busca da informação para fazer reportagem. Para entender a experiência de campo é preciso vivenciar. A diferença é que o texto jornalístico é um tipo de relato mais imediato em sua veiculação, enquanto o texto etnográfico requer um tempo maior de elaboração e tem uma recepção pública mais lenta e reduzida. A recomendação de registrar o máximo possível em caderno de campo nem sempre é possível. E, não raro, caímos na armadilha de que algo menos importante não interessa.

Enquanto preparava o trabalho de campo, já ouvia algumas pessoas relatar um pouco de suas memórias sobre a finada Balbina<sup>4</sup>. Quem seria essa pessoa emblemática tão presente no discurso da comunidade? Fui descobrindo as relações de parentesco e de compadrio entre as famílias. A partir de determinado momento sugeri entrevista a algumas pessoas, mas sem compromisso científico. A memória da religiosidade da ilha era o alvo do plano de trabalho. E nada impedia de continuar ouvindo, colhendo informações e indicações de possíveis entrevistas para algum momento. Confesso que essas conversas nunca foram gravadas.

Aproveitando a boa maré, retomei um roteiro de entrevistas semi-estruturado que havia preparado muito tempo atrás, numa instituição, onde pretendia trabalhar com a memória popular de Salvador. Em seguida, tomei como base também o esquema básico para

---

<sup>4</sup> Balbina Bárbara de Santana, Mãe Bina de Iansã, (hoje lembrada como finada Balbina) era uma mulher multifacetada em face das condições da comunidade. Era considerada uma pessoa poderosa. Acumulava as funções de líder religiosa, parteira, médica popular e líder comunitária na região. Grande parte da população da Ilha de Maré nasceu através de suas mãos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

questionário apresentado pelo professor Vivaldo da Costa Lima<sup>5</sup>. E apesar de o curso dos Seminários de Metodologia fornecer os passos para chegar até o campo, era preciso colocá-los em prática junto à empatia da comunidade. Eu já estava lá.

Então, precisava entrar em campo e fazer as entrevistas. Conhecidos os mecanismos de preparação para uma pesquisa de campo, notei que já tinha algo mais para realizá-la, ou seja, já tinha feito contatos, identificado fontes de informação e negociado entrevista. De acordo com os vários relatos de experiências, realmente não há um modelo de conduta para se aproximar de uma comunidade. No meu caso, pode ter entrado em jogo a habilidade do jornalismo, na busca de possíveis fontes de informação. É preciso saber se dirigir às pessoas simples portadoras de sabedoria para a conversa fluir. A experiência da reportagem facilita isso. Acredito ter sido útil a minha experiência de repórter. Feito e mantido o contato, a fonte estará sempre à disposição. Preparei uma lista de nomes para entrevista.

A produção do Diário de Campo supostamente deve começar com as primeiras notas do que pode ser considerado útil para compor o trabalho. Digo supostamente. Pequenas observações devem ser feitas mesmo sem o perfil de uma grande redação. Mesmo quando falta inspiração, o registro deve ser feito, como uma fotografia. É um enquadramento do qual não dá para fugir mesmo num momento de cansaço. Vejo que até os momentos de travessia poderiam servir também. Situações nem sempre interessantes, mas componentes denunciantes do contexto.

### **Panorama da ilha**

Apesar de geograficamente pertencer ao município de Salvador, a Ilha de Maré padece da falta de infra-estrutura e de serviços públicos básicos. Ainda que classificada como uma APA (área de proteção ambiental) pelo governo, a poluição e a degradação são notáveis. Desde as primeiras décadas do século passado, a população local sempre conviveu com as práticas de cura e rituais caseiros, uma vez que não havia serviço público de saúde. Tal quadro não deve variar muito em toda a Baía de Todos os Santos.

---

<sup>5</sup> A *Família de Santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia*, dissertação de mestrado (1977), foi publicada em 2003. É uma referência sobre a estrutura da família religiosa na Bahia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A localidade de Praia Grande fica na zona oeste da ilha, dividida em áreas imaginárias, de acordo com a localização das ruas. São elas: Cidade Palha, Beco, Major, Caieira, Apicum e Tuíca. A vista panorâmica está voltada para a Ilha de Paramana e Madre de Deus. O local possui duas escolas municipais e uma sede da Sociedade dos Amigos de Praia Grande de Ilha de Maré e Adjacências. O desenvolvimento urbano ainda não chegou lá, mas a modernidade dá mostra de interferência no coletivo. Após o início deste trabalho de campo, dois fatos aconteceram: a inauguração do posto de saúde e a construção de um dos atracadouros (o outro foi construído em Santana). Eram reivindicações antigas.

Em princípio, a rotina local parece não sofrer muita alteração. Salvo com as visitas de turistas e curiosos, o movimento na ilha é mais intenso nos fins de semana. O cotidiano passa boa parte do tempo sem alterações. A vida comunitária segue as manifestações populares pontuais ou outras geradas pelo lazer. Por exemplo, todo mês de agosto acontece a festa de N. Sra. das Neves leva uma romaria até o local. Há sete anos, o Festival de Peguari tem atraído atenção de alguns grupos de samba da cidade a participar.

Para a realização da pesquisa de campo em Praia Grande, o maior obstáculo é o acesso. O sistema de transporte público de lancha é gerido por particulares sem nenhuma fiscalização ostensiva sobre os horários e as condições ambientais dos barcos. O problema de locomoção de ida e volta a Praia Grande e outras localidades fora do roteiro turístico da praia, é um agravante. Esse tema também pode gerar outro estudo mais específico.

Num trabalho de campo é útil providenciar um local de hospedagem na própria comunidade. Segundo palavras de Evans-Pritchard (1978, p. 302), “na medida do possível e do conveniente, o pesquisador vive a vida do povo que está estudando”. Ter uma acomodação significa ter um ponto de pouso para ler, escrever e refletir sobre o trabalho ainda *in loco*; facilitar a circulação e a condição de observador participante, enfim ser quase um vizinho.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Os terreiros de candomblé selecionados para esta pesquisa na comunidade de Praia Grande são dois. Um deles é o Terreiro de Oxossi, a casa de dona Joana, criado em 1949, situado na Rua do Beco. O outro é o Terreiro de Odé, fundado por Maria Genoveva Santana, em 1957, na Rua da Palha, hoje sob responsabilidade da filha Maria do Nascimento da Encarnação (popularmente conhecida como Baia). A idade dessas duas casas serviu de parâmetro para uma análise sobre um pouco da trajetória do candomblé da ilha de Maré. O trabalho de pesquisa se configurou na construção da memória dessas duas casas, pelos motivos de pertencerem à mesma raiz, da aproximação da linhagem de parentesco, além de serem as casas mais antigas da ilha na atualidade.

Os procedimentos teórico-metodológicos para a execução deste trabalho estão diretamente vinculados à memória, história oral e registro etnográfico. O trabalho de campo segue com a realização de entrevistas orais semi-estruturadas e a investigação documental junto a algumas famílias e em arquivos. Os estudos antropológicos indicam a possibilidade de tornar mais visíveis outras relações, vivências e experiências de vida ainda não reveladas e pouco exploradas.

Chegou o momento de explorar o campo. De início, confesso que não pensei, mas a realidade empírica exigia naturalmente a aplicação de questionário. A recomendação foi feita em sala de aula, durante as lições teóricas do curso dos Seminários de Metodologia. Portanto, o primeiro passo foi aplicar os questionários básicos para a construção do perfil de cada casa e suas respectivas lideranças. Vale o registro da aplicação do questionário com Baia para ilustrar a falta de experiência de um iniciante no mundo da pesquisa antropológica. As perguntas eram fechadas, mas em muitas respostas ela tinha uma história pra contar. A inexperiência científica me fez ir à primeira atividade de campo sem o gravador. Resultado: perdi algumas coisas e consegui recuperar outras nas entrevistas que seguiram. Para começar as entrevistas, o roteiro já estava preparado a partir de conversas já mantidas anteriormente.

No dia da primeira entrevista, dona Joana entendeu que havia alguém na sua casa para escrever sobre o candomblé. Ela respondeu: “É bom que escreva”. A entrevista seria



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

com Beneco, um dos filhos. Em seguida ela falou: “Diga a Beneco que não conte nada pelo meio, conte do princípio”. Apesar de estar aquém de suas faculdades físicas e mentais, dava sinal de que estava ciente do que se passava em casa. A entrevista ainda não seria com ela, mas estava ciente de que alguém estava escrevendo sobre Oxossi.

As visitas eram na perspectiva de encontrar alguma melhora, mas não passava de uma doce ilusão. Alguns momentos em silêncio serviam para apreciar o ambiente da casa sem obter um único gemido de dona Joana. Estava ali, no sofá, serena, testemunha de todo um tempo vivido e servido a muita gente. Minha última tentativa seria gravar alguma coisa cantada por ela. Na corrida para tentar obter depoimentos de dona Joana, o êxito foi se esvaindo. Numa das vezes, sua filha Isabel pediu pra ela cantar. Com muita insistência até conversou um pouco e respondeu ao que se perguntou. Por fim, com toda dificuldade, conseguiu cantar. A voz enfraquecida ainda conseguiu se fazer compreensível. E dona Joana cantou:

*Oxossi é o dono da lua  
veio ao mudo para clarear  
eu queria ver Oxossi  
para com ele eu falar...*

Depois tirou outra cantiga:

*Oxossi é  
Oxossi é  
Oxossi é  
A luz do mato é...*

Nem pensava que fosse sair mais alguma e ela tirou:

*Ajunta maracanã  
Eu sou filha de oxossi  
Meu pai é rei das elvas tatamirô...*

Já me dei por satisfeito. Dali em diante tinha certeza de que dona Joana não emitiria mais nenhuma declaração nem cantaria. Entre as últimas palavras, disse que eram muitas as cantigas “mas na hora assim a gente esquece, já ouviu?”. Mandou voltar no dia seguinte que ela cantaria outras. Feita a sua vontade. Fui logo pela manhã mais animado com a oportunidade de captar mais o canto de dona Joana. Mas, quando Isabel



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

avisou da minha presença e pediu que catasse para Oxossi, ela saiu com essa resposta: “hoje não, estou indisposta. Fica pra um outro momento”. Foi motivo de muita brincadeira para todos da família durante um bom tempo.

Apesar das precauções tomadas, as dificuldades para transitar no campo foram mínimas até aqui. Apenas na casa de dona Joana, alguém questionou e recomendou cuidados com pessoas vindas de fora dispostas a ganhar dinheiro com pesquisa e entrevista. A pessoa foi uma nora de dona Joana. Isabel me explicou que ela tinha os olhos mais abertos e sempre alertou a todos sobre isso. Não me fiz de rogado para explicar que se tratava de um trabalho acadêmico, a minha condição era de estudante e trabalhador, sem nenhum tipo de bolsa de estudos. E ainda, sem tirar a razão da referida preocupação, argumentei que conhecia muito bem o tipo de atitude em referência de pessoas que chegam, colhem a informação e desaparecem. Foi preciso reforçar que tinha a melhor das intenções para realizar o trabalho, e que um dos objetivos era apresentar o resultado no final às próprias fontes.

Os relatos ouvidos e coletados dão conta de como a prática religiosa afro-brasileira aliada à medicina popular ainda permeiam a memória coletiva e a vida cotidiana dos moradores mais antigos de Praia Grande, após a virada do século XXI. A passagem do tempo não alterou as relações de ajuda mútua entre os dois terreiros aqui abordados. Fora dos olhos da mídia e das observações científicas, a religiosidade local constitui uma dinâmica intermediária, recriada fora do alcance do poder público, mas não da política social.

O campo de pesquisa é sempre um ambiente de descobertas. E a construção do diário é um grande aprendizado. Novas possíveis fontes de informação foram surgindo nas conversas ou nas entrevistas. Por fim vislumbrei a linha ancestral que deveria ser revelada ao longo da pesquisa. A casa de Baia e a de dona Joana têm como raiz a finada Balbina, um ponto particular dos dois espaços que interessa diretamente aos objetivos deste trabalho na investigação da memória.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Mediante os depoimentos, ainda que sem a sabedoria escolar, essas duas mulheres em questão foram capazes de lutar pela vida e superar todas as adversidades que surgiram diante de seus olhos nas formas de preconceitos, discriminação ou intolerância. Assim, conseguiram firmar a força espiritual e religiosa herdada de um tempo em que as dificuldades de locomoção eram grandes. Também, a dedicação ao candomblé parecia ser bem maior, de acordo com os relatos ouvidos de Baia e dos filhos de dona Joana.

É possível observar que as experiências de vida de dona Joana e Baia foram adquiridas no universo do candomblé, cada uma no seu tempo, embora não muito distante uma da outra. A criança crioula não gozava da facilidade de ir à escola. Formatura era coisa que não passava pela cabeça de quem mal tinha nascido poucas décadas após o decreto da abolição da escravatura, em 1888.

Ambas as lideranças tiveram em comum um passado em que desempenharam atividades diversas: ajudante, marisqueira, dona de casa, chefe de família, religiosa, pequena comerciante, entre outras. Outra coincidência: a indiferença dos maridos em suas jornadas. Nunca houve uma relação solidária. Dona Joana chegou a revelar que não sabe quando foi pior, se no tempo de Balbina ou quando passou a ter família. “Fui uma escrava”, declarou segura. Por outro lado, Baia também confessa que não deu sorte. O marido deixou a família para viver com outra mulher. Hoje, com ele distante, morando na cidade, ela prefere dizer que é viúva e só quer viver em paz.

Entretanto nem tudo são flores. Um momento marcante da pesquisa de campo foi perceber que não iria conseguir entrevistar dona Joana. As condições para um diálogo, uma conversa, foram se tornando nulas. Apesar da boa vontade da família em colaborar, foi ficando cada vez mais impossível conversar com ela. No máximo a lembrança de um ou outro momento distante, e só. A dificuldade em ouvir fazia toda a diferença. Resultou uma pessoa limitada a chamar repetidamente uma das filhas para lhe dar a mão.

O tempo é nosso parceiro e também nosso maior adversário na construção de um trabalho. Ele também nos faz mudar de rota durante a sua realização e o Diário de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Campo torna-se a testemunha mais próxima. Dona Joana tem piorado seu estado de saúde e impossibilita qualquer contato de comunicação verbal. Não consegue estabelecer um diálogo sem grande esforço. Outra vez me lembrei de Pritchard (1978): “o antropólogo deve seguir o que encontra na sociedade que escolheu estudar”. No meio do caminho foi preciso mudar a estratégia. Propus aos filhos entrevistar cada um sobre os ensinamentos e as histórias que sabem dela até onde podem alcançar. Mais uma vez o recurso técnico da história oral entra em funcionamento para dar suporte a um processo em degradação.

Trazer para o presente a memória de um passado como parte do discurso social se tornou a missão deste trabalho. Com isso, ganha forma a idéia de abordar a história de vida dessas duas líderes religiosas na qualidade de mulheres, negras e mães-de-santo, participantes dialógicas de uma pesquisa e como símbolos da religiosidade afro-brasileira. Consequentemente, tenho a oportunidade de falar de uma realidade cujo ponto de partida é o registro da memória popular, história de gente sábia e sem comportamento sofisticado que sempre lutou pela sobrevivência de sua crença, um aspecto quase desconhecido da nossa historiografia.

A história oral tem sido um recurso bastante utilizado pelas disciplinas modernas na recuperação de uma memória. É de grande auxílio para a etnografia no garimpo de informações de campo e na recomposição de experiências passadas que se encontram na memória coletiva. Meihy (2005) explica o conceito da história oral como “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estilos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Assim, temos uma história do “tempo presente” e também reconhecida como “história viva”.

Portanto, nesse universo de memória fragmentada, havia uma mulher dotada de saber natural e sobrenatural que atuava como parteira, rezadeira, vidente, curandeira e mãe-de-santo, conhecedora profunda do uso das folhas. Balbina Bárbara de Santana, Mãe Bina de Iansã, era única na região, requisitada por todos que precisavam. Neste trabalho, proponho revelar um pouco da sua trajetória na ilha através da memória de seus descendentes em Praia Grande, além de outros parentes e amigos. Balbina foi mãe



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

carnal de Madalena e Maria Genoveva e mãe de criação de dona Joana. Após a sua morte, Madalena assumiu o terreiro. Dona Joana e Maria Genoveva receberam *cuia*<sup>6</sup> e construíram suas casas. As filhas de Madalena não seguiram a religião, uma se tornou evangélica. As filhas de Genoveva (Baia e Anade) se mantêm na tradição do culto.

Há um hiato de memória sobre a trajetória de Balbina. Entre os entrevistados, ninguém sabe ao certo a data do seu falecimento, muito menos que idade tinha na época, cerca de 40 anos atrás. Também é muito vaga a informação sobre sua naturalidade: a ilha ou o bairro de Itapuã. Algumas pessoas lembraram o nome do seu marido, Silvano, mas sem sobrenome. Os livros de registro do cartório remanejados para Periperi, não estão em condições de manuseio, segundo o funcionário-atendente, que informou ainda não dispor de registros de falecimentos com mais de vinte anos. Apesar da insistência, o acesso foi negado para consulta.

Os vários depoimentos orais dão uma noção da mentalidade religiosa do fiel do candomblé na ilha e a forma como cada um aderiu à religião, geralmente a partir de um problema de saúde. As conversas e entrevistas nas duas casas sempre foram interferidas por crianças, parentes ou pela chegada de vizinhos. Portanto, através do material levantado em entrevistas e documentos, esse esboço etnográfico vislumbra parte de uma memória flutuante entre os mais velhos, membros, ex-membros e parceiros dos terreiros que carregam na lembrança a figura ancestral de Mãe Bina.

E longe da perfeição, com naturais erros e possíveis acertos, apresento essas experiências iniciais da pesquisa de campo na Ilha de Maré. O trabalho em andamento não deve esgotar o assunto, que possui outras vertentes a serem exploradas em futuros possíveis estudos.

Referências:

EVANS-PRITCHARD, E.E.. *Bruxaria , Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978. pp 299-316

---

<sup>6</sup> Equivalente ao decá da nação queto, espécie de autorização para abrir terreiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

GEERTZ, Clifford. *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis (RJ), Ed. Vozes, 1997. pp 11-39 e 169-193

LIMA, Vivaldo da Costa. *A Família de Santo nos Cadomblés jeje-nagô da Bahia*. Salvador, dissertação de mestrado em Ciências Sociais da UFBA, 1977. (mimeo)

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. São Paulo, Loyola, 1997.

Ribeiro, Darcy. *Diários Índios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Jocélio Teles dos (coord.). *Mapeamento dos Terreiros de Salvador*. Salvador: Ceao, Fundação Palmares, Prefeitura de Salvador. 2008.